



ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: O PERCURSO DA MEMÓRIA EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE¹



BETWEEN THE PAST AND THE PRESENT: THE PATH OF MEMORY IN *SPILLED MILK*, BY CHICO BUARQUE

Augusto Vinicius de OLIVEIRA
Universidade Estadual Paulista, Brasil

Maria Luiza Sansão ABRANTES
Universidade Estadual Paulista, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 23/02/2022 • APROVADO EM 22/07/2022
DOI: 10.47295/mgren.v11i2.354

Resumo

Este artigo busca analisar a obra *Leite Derramado*, de Chico Buarque, focalizando o papel desempenhado pelo artifício da memória (BOSI, 1994; SANTOS, 2019) na construção de sua narrativa. Entende-se que a utilização desse recurso se pauta em uma tentativa de reconstrução, por parte do narrador, de uma memória social para a manutenção de seu próprio *status*; os resultados, no entanto, revelam que, ao contrário do almejado, essa

¹ Trabalho originalmente desenvolvido no âmbito da disciplina de Narrativa Brasileira II, do Curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto/SP, sob orientação da Profa. Ma. Marília Corrêa Parecis de Oliveira, a quem agradecemos.

utilização é reveladora de uma vida social decadente, passível de acesso somente por lembranças remotas e alegóricas em relação a um modelo de sociedade.

Abstract

This article seeks to analyze the work *Spilled Milk*, by Chico Buarque, focusing on the role played by the artifice of memory (BOSI, 1994; SANTOS, 2019) in the construction of its narrative. It is understood that the use of this resource is guided by an attempt by the narrator to reconstruct a social memory for the maintenance of their own status; the results, however, reveals that, contrary to the desired, this use is revealing a decadent social life, accessible only by remote memories and allegorical in relation to a model of society.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Romance contemporâneo. *Leite Derramado*. Memória.

Keywords: Contemporary novel. *Spilled Milk*. Memory.

Texto integral

Introdução

Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida. (BUARQUE, 2009, p. 184)

Deitado em um leito hospitalar, transitando entre o passado e o presente por meio de suas lembranças e materializando-as a partir de uma relação íngreme entre a oralidade e a escrita, está Eulálio Montenegro Assumpção, idoso de cerca de cem anos e narrador do romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque. Nesse cenário, cujo personagem principal encontra-se acometido por alguma condição que afeta a memória e o modo como percebe o mundo, situam-se em coexistência o passado de Eulálio, representativo de uma ordem social privilegiada, e seu presente, símbolo de uma situação desconstruída e ligada a um passado remoto unicamente por incertas e debilitadas memórias do narrador.

É sobre essa questão da *memória* e sua significação, inclusive, que versam muitas e variadas discussões em distintas áreas do conhecimento, seja a partir de uma concepção (mais) científica, (mais) filosófica ou (mais) histórica do tema. Nos Estudos Literários, como discute Umbach (2010, p. 106), a temática é ainda mais recorrente: junto de debates sobre o conceito de *identidade* e do próprio de *Literatura*, o conceito de *memória* é explorado tanto em obras literárias quanto analíticas como um artifício representativo proveitoso dentro da construção de uma determinada narrativa. Em *Leite Derramado*, pois, a discussão a respeito do papel da *memória* na narrativa torna-se imprescindível, visto que o romance tem como base uma narração que se pauta no acesso às memórias do protagonista, Eulálio, calcado no estabelecimento de um paralelo entre uma condição anterior e a condição atual do personagem. Essa narração pautada na *memória*, por sua vez, provoca um efeito de sentido no leitor que diz respeito à inconsistência factual daquilo que é narrado, visto que, assim como observa Candido (1989, p. 61) em relação à narrativa (auto)biográfica de Pedro Nava,

[...] o leitor se habitua a receber a verdade sob o aspecto da ficção, e quando chega às partes onde os acontecimentos já estão sob controle de memória do Narrador, não nota qualquer mudança essencial entre essas duas esferas.

Neste trabalho, pautamo-nos na junção da questão da memória como lembrança (BOSI, 1994) com seu estatuto enquanto experiência do indivíduo (SANTOS, 2019), relacionando-os a uma discussão sobre a relação entre esse artifício e a temporalidade narrativa (SCHIFFNER, 2012) pautados na fortuna crítica do próprio romance. Dessa forma, objetivamos focalizar o papel da memória na construção da narrativa de *Leite Derramado*, partindo da percepção de seu duplo funcionamento no romance: por um lado, recorrer às suas lembranças trata-se de uma tentativa do narrador de recuperar um *status* social concernente a seu sobrenome e à sua família nobre, com fins de manutenção de sua condição atual; por outro, apegar-se apenas a essas memórias é uma atitude exponenciadora da condição atual do personagem, que não mais usufrui de benefícios sociais em razão de uma nobreza familiar. Nesse sentido, entendemos que a discussão faz referência à análise que Candido (1993, p. 137-138) faz da obra de Marcel Proust, a qual, segundo o crítico, denota um “[...] tratamento simultâneo da estrutura e do processo [...], do pormenor integrado em configurações expressivas, e sua alteração no tempo como *lei* do significado.”. Dessa forma, então, o verdadeiro sentido imbuído nos detalhes das obras é expressado a partir da representação de suas mudanças – a partir da relação personagem-narrador – ao longo da temporalidade narrativa, de modo que a observação desse fator – e a articulação entre tempo e modelo (CANDIDO, 1993) – constitui um próprio mecanismo de análise.

Para o desenvolvimento do trabalho, inicialmente nos debruçamos sobre a própria diegese (GENETTE, 1979 apud FRANCO JUNIOR, 2003, p. 37) do romance, observando características formais e simbolismos que servem à interpretação da obra e à discussão sobre sua importância. Em seguida, propomos um panorama do contexto histórico da obra, focalizando aspectos e demandas da literatura contemporânea importantes à discussão sobre a concepção do romance. Por fim, realizamos uma análise crítico-reflexiva da obra, focalizando o papel da memória na narrativa a partir de questões sociais e discursivas que se fazem presentes ao longo de todo o debate.

A história e as histórias de *Leite Derramado* na perspectiva do debate social

Leite Derramado é um romance publicado em 2009 pelo escritor, cantor e compositor Francisco Buarque de Hollanda, mais conhecido como Chico Buarque. O livro é narrado em primeira pessoa pelo narrador autodiegético Eulálio, personagem principal e herdeiro de uma família composta por uma série de outros Eulálios que ocupam as posições de tataravô, bisavô, avô e pai do protagonista; Eulálio já está velho, no final de sua vida, e, durante o percurso narrativo, está alocado em um hospital cujas condições físicas e higiênicas não são as melhores. Nos termos de Schwarz (2009, p. 6), “[...] temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição involuntária de um figurão [...]”. Logo de início, percebemos que, aliada à situação física precária de Eulálio, está uma condição psicológica que é central no fio discursivo a partir do qual

a narrativa acontece: a perda de memória e a confusão mental, como exemplificada pelo seguinte trecho:

Veja só, nesse momento olho para você, que toda noite está comigo, e fico até sem graça de perguntar seu nome de novo. Em compensação, recordo cada fio da barba do meu avô, que só conheci de um retrato a óleo. (BUARQUE, 2009, p. 14).²

Nesse exercício de povoamento da memória de Eulálio, o personagem se dirige a uma enfermeira que o acompanha e recorre a histórias do seu passado, envolvendo seu avô, seu pai e sua mãe, sua esposa Matilde, entre outros, numa tentativa, à primeira vista, de preservar os acontecimentos de sua vida num viés biográfico. Observamos, aqui, dois fatores que ganham destaque: i) o modo como Eulálio se dirige a essa enfermeira, pautado numa dualidade velada entre um tom cordial – demandado pela situação de vulnerabilidade do personagem –, e um tom servil – instanciado pela própria concepção que a classe social à qual Eulálio pertenceu um dia tem em relação às classes que a servem: a de aproveitamento e exploração do trabalho; e ii) uma relação estreita entre a oralidade, que serve de artifício transmissor de conhecimentos e saberes do personagem idoso (BOSI, 1994), e a escrita, supostamente performada pela tal enfermeira (de acordo com o narrador), que serve de suporte para o registro e o conseqüente não apagamento da vida e da história dos Assumpção. A respeito da presença da voz do outro na obra de Chico Buarque, Pereira (2011, p. 26) pontua que

[...] podemos perceber no itinerário da obra buarqueana a utilização de outros para expressar a sua voz autoral como recurso ao longo de todos os canais comunicativos em que opera. A língua como objeto de reflexão e instrumento, as figuras sociais despojadas de voz, a relação oralidade e escrita, a metalinguagem e a reflexão sobre o próprio papel como artista brasileiro.

Nesses seus momentos com a profissional da saúde, durante os quais não recebe nenhum retorno interlocutório, Eulálio firma um monólogo narrando histórias sobre as origens de sua família – que inclui a vinda de um tataravô para o Brasil em 1808, junto da corte portuguesa –, sobre sua infância – período durante o qual Eulálio morou em uma requintada fazenda e desenvolveu suas primeiras relações sociais, com destaque para a relação com o escravizado Balbino –, sobre suas ostentações, suas viagens à Europa com seu pai e sobre as realizações constitutivas de sua linhagem familiar. Entendemos que, por si só, a narração de Eulálio, disposta a partir de um fluxo de consciência (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 46), ocupa espaço central no romance, pois

Narrar é, para Eulálio, reconstituir o passado, projetar o futuro, refletir sobre a existência presente e, simultaneamente, **povoar o palácio da memória**, em que o lugar do futuro se estreita,

² Pontuamos que, apesar de muitas resenhas da obra indicarem que Eulálio sofre de mal de Alzheimer, na história não fica exatamente evidente qual é a condição do personagem. A julgar pelo que é efetivamente exposto, podemos imaginar que se trata de Alzheimer ou de outra condição senil que causa confusão mental relativa ao tempo presente e que evoca lembranças desordenadas de tempos passados.

enquanto o passado ocupa “um salão cada vez mais espaçoso”. (SARAIVA, 2017, p. 45, grifos nossos).

Esse *povoamento do palácio da memória* discutido por Saraiva (2017), no entanto, não dá espaço somente às realizações positivas da família Assumpção: é por meio também do fluxo de consciência de Eulálio que o caráter demasiadamente pejorativo que ronda as realizações de sua família e que é símbolo de uma denúncia relativa à sociedade carioca privilegiada é exposto. Nas memórias de Eulálio, faz-se presente o racismo – que tem sua primeira faceta materializada pela figura do avô de Eulálio, abolicionista que desejava enviar os negros escravizados de volta à África; e que é posteriormente desenvolvido por meio da relação de Eulálio e de sua família com Matilde, sua esposa, e com seu bisneto e tataraneto – o preconceito social – simbolizado pela aversão de Eulálio à própria decadência econômica e social –, o adultério – representado pelo caráter duvidoso de seu pai, que constantemente traía a esposa e acabou até sendo assassinado por um dos companheiros de suas amantes –, entre outras problemáticas que não se fazem tão centrais na discussão aqui traçada, mas que ocupam lugar igualmente relevante na constituição do romance.

Nesse sentido, ainda, notamos que grande parte da história constrói-se em volta do sentimento e da relação do protagonista com Matilde, sua esposa, com quem teve o primeiro contato durante uma missa, quando era adolescente:

Mas por esse tempo felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde, e eliminei aquela bobagem da cabeça. No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto **sem preconceitos de cor**. Nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de **pele quase castanha**, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai. (BUARQUE, 2009, p. 20, grifos nossos).

Apesar do narrador se caracterizar como “um adulto sem preconceitos de cor” (BUARQUE, 2009, p. 20), observamos nessa e em outras passagens do romance como essa questão faz-se decisiva no seu entendimento de sociedade. Notamos, nesse sentido, que Eulálio demonstra descontentamento pelo fato de ele e alguns outros membros de sua família apresentarem traços negróides: “Olhou-me bem de perto e disse que, entre os Montenegro de Minas Gerais, ninguém tinha beiços grossos como os meus. A comida, cuspi no prato, mas fiquei com a ofensa engasgada esses anos todos” (BUARQUE, 2009, p. 74). É evidente no fio narrativo, ainda, que essa preocupação de cunho racial tem origem nos próprios ensinamentos que se desenrolaram no âmbito da família Assumpção, sendo transmitida de geração a geração de forma mais ou menos atenuada. Aqui, tomamos como exemplo o modo como Eulálio constantemente se refere a Matilde: como de “pele quase castanha”, sendo possível o desenvolvimento de um relacionamento com a moça apenas pelo fato de Eulálio e sua família, por extensão, não considerarem a moça totalmente negra. Entendemos que essa exposição escancarada de questões raciais ao longo das gerações ocorre no romance porque, em conformidade com Schwarz (2009, p. 4), “Os Assumpção [...] são antes uma categoria social do que uma família e importam menos do que o tempo que os atravessa”.

Entendemos que a passagem referente a Matilde reflete, de certa forma, o ponto de vista do autor, Chico Buarque, sobre a questão racial no Brasil. Como destacado por Helena (2011), Buarque foi indagado sobre racismo e sociedade durante uma entrevista e declarou que considera esse tema muito sensível e mal resolvido em nossa sociedade, uma vez que os brasileiros tendem a não aceitar que grande parte da população é miscigenada, mestiça, e, portanto, tem algum traço de origem negra. Na concepção do escritor e compositor, esse pensamento não somente evidencia uma grande ignorância, mas também uma enorme hipocrisia, uma vez que a miscigenação da população brasileira é evidente. Ainda destaca que há, mesmo que bem pequena, uma aceitação quanto ao indígena, ou seja, as pessoas aceitam que houve em suas famílias algo membro de origem indígena, desde que em um passado muito remoto. Contudo, a intolerância em relação ao negro, ligado à figura do escravizado, é absoluta.³

Além da questão racial, observamos, ainda, preconceitos de ordem social e econômica que partem do narrador-personagem. Passagens do romance, assim sendo, revelam o quanto a sociedade posta em análise a partir do romance é guiada pela desigualdade que se estabelece por meio das posições socioeconômicas, das posses e dos sobrenomes de um indivíduo. Nesse sentido, de acordo com Helena (2011, p. 1), *Leite Derramado* delinea “[...] traços de uma sociedade patriarcal, em que origem, cor e classe determinam os direitos e julgamentos relativos a cada indivíduo”. Em vários momentos, o próprio narrador menciona as vantagens que o sobrenome Assumpção já lhe trouxe: “Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas.” (BUARQUE, 2009, p. 125). Ainda, em seus delírios causados pela demência senil, Eulálio acredita que seu sobrenome pode proporcionar privilégios, mesmo dentro do péssimo hospital que se encontra: “Em instituições tradicionais meu nome abre portas, ao contrário do que ocorre nesta espelunca, onde nos extorquem dinheiro sem investigar sua origem” (BUARQUE, 2009, p. 120).

A partir dessa discussão, podemos afirmar que o narrador ocupa um espaço nuclear na transmissão de uma mensagem endereçada ao público leitor e originada a partir das demandas sociais vigentes na época de sua publicação. Sobre essa questão, Schwarz (2009, p. 4) propõe que

Como nos filmes em que a ambientação diz tanto ou mais do que a intriga, o pano de fundo contemporâneo talvez seja a personagem principal, a que Eulálio, a despeito das presunções, se integra como um anônimo qualquer. A pretexto disso e daquilo, [...] o que se configura é a modernização da variante brasileira, em que tudo desemboca.

Como mencionamos, trata-se de um narrador autodiegético, ou seja, aquele que “é co-referencial com o protagonista” (GENETTE, 1988, p. 762 *apud* FRANCO JUNIOR, 2003) da narrativa. A narração se dá, portanto, em primeira pessoa e unicamente pela perspectiva de Eulálio, o que fundamenta a classificação do foco narrativo, nos termos de Friedman (1955), como narrador protagonista:

³ Elucidamos que a entrevista sobre a questão do racismo no Brasil faz parte de uma produção de 2006 do diretor Roberto de Oliveira que se debruça sobre a obra *Saltimbancos*, do próprio Chico Buarque. Uma reprodução desse trecho da obra, originalmente distribuída em formato DVD, conta com mais de 3 mil visualizações na plataforma YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/UkNVOvIZqzY>. Acesso em: 07 fev. 2022.

[...] um narrador que narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Narra, portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria experiência, já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada. (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 42).

No entanto, faz-se necessário discutir a ideia de que essa narração em 1ª pessoa não necessariamente faz referência ao todo da obra, à ambientação aparentemente construída unicamente pelas/a partir das memórias de Eulálio: justamente em razão da memória ser utilizada enquanto artifício para a reconstrução de uma história social ligada ao personagem e essa utilização mostrar-se falha – visto que não há escapatória para Eulálio em sua atual situação, tampouco perspectiva de melhora – é que conseguimos perceber todo o abismo social no qual o personagem se encontra, resultado de toda uma trajetória de decadência da família Assumpção. Esse “centro fixo, vinculado necessariamente à sua experiência” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 42) vinculado à narração de Eulálio, pois, denota ao leitor uma experiência que, ao mesmo tempo em que revela uma inconsciente decadência da família Assumpção e do personagem, é complementada pelo próprio contexto em que está inserida: a de interlocução exclusiva com o próprio passado e o presente do personagem, a partir dos caminhos que o levaram até sua situação atual.

Ainda, classificamos a ambientação – “modo como o ambiente é construído pelo narrador” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 44) – como reflexa, o que significa que a ambientação é produzida por meio da focalização de um personagem que, a partir de sua percepção ou ponto de vista, constrói o ambiente no qual e a partir do qual se desenvolve a ação.

Em relação à classificação dos personagens, evidenciamos que esses podem ser classificados como personagens planas, apresentando “[...] baixo grau de densidade psicológica”. Em geral, tal personagem marca-se por uma linearidade no que se refere à relação entre os atributos que caracterizam o seu ser (a sua psicologia) e o seu fazer (as suas ações)” (FORSTER, 1974 *apud* FRANCO JUNIOR, 2003). Em *Leite Derramado*, essa questão é significativa, pois, tendo um papel central percebido por Schwarz (2009), o narrador-personagem – e, por extensão, os personagens que o circundam ao longo da história – é representativo de uma série de comportamentos e valores referentes a uma camada social privilegiada, cujo debate, no romance, pôde ser traçado a partir de representações miméticas por meio da falta de densidade psicológica dos personagens e da central incapacidade de Eulálio, enquanto personagem de uma narrativa contemporânea, narrar com certeza ou com completude sua própria história e a dos demais.

O tempo da narrativa é constituído pelo tempo psicológico: “organização do tempo interno das personagens e constituído a partir do conjunto de referências que responde pela subjetividade das mesmas” (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 46). Notamos que durante toda a narrativa, o narrador faz uso de analepses, ou seja, voltas no tempo a fim de recuperar fatos passados (FRANCO JUNIOR, 2003, p. 45), como ocorre no seguinte trecho:

[...] se eu não puder ir junto, farei um cheque para você comprar um vestido bacana, assim que o dinheiro entrar na minha conta. Não se acanhe, porque numa butique de Ipanema qualquer rapariga vai lhe aconselhar tão bem quanto eu. Você pode rir, mas no meu

tempo nem havia butiques, com o meu dinheiro você compraria um corte em loja de fazendas, para a modista copiar um croqui de revista francesa. Mulheres mais abonadas faziam como mamãe, que todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações. (BUARQUE, 2009, p. 83).

A partir de técnicas do cinema, Eulálio consegue congelar um relato, inserir um *flashback*, imaginar um futuro que não se concretizará e finalmente voltar para o presente. Além disso, os espaços também se misturam em suas histórias: o hospital, a casa da fazenda, as viagens à Europa, etc. Ainda, as cenas de sua vida são expostas sem critérios cronológicos de ascensão e decadência, mas sim seguindo o tempo das memórias do narrador, que seleciona imagens quase que fotográficas da cidade e das cidades nas quais suas memórias têm origem para montar o cenário narrativo.

Observamos, ainda, o modo como a narração de *Leite Derramado* se adequa às demandas da literatura contemporânea: de acordo com Benjamin (1985), os narradores clássicos do romance moderno seriam o *marinheiro* ou *comerciante*, o *idoso* e o *camponês*. Essas figuras seriam contadoras de histórias, uma vez que teriam um grande acúmulo de experiência a ser compartilhada. O narrador contemporâneo, por sua vez, não tem mais a intenção de tornar a experiência do romance uma experiência partilhável, pois sua função é apresentar e organizar os acontecimentos de um modo que seja possível extrair discussões acerca do assunto. Desse modo, a história do romance no geral é um fato quase que insignificante – como em *Leite Derramado*, pois trata-se apenas de um homem senil em um leito de hospital – que ganha significado a partir da problematização e das reflexões traçadas na narrativa.

Sabemos que o homem contemporâneo já viveu muitas atrocidades, como grandes guerras, desigualdade, neofascismo, etc., e, portanto, não é mais indicado a transmitir sabedorias e conselhos, como uma vez já aconteceu – nesse sentido, o próprio Eulálio é um montante com caráter questionável, cheio de preconceitos e ideias ultrapassadas, não sendo, assim, a pessoa mais adequada a transmitir conselhos e lições de vida ao leitor. Dessa forma, nesse momento da literatura as experiências dos personagens são apresentadas ao leitor sem juízo de valor por parte do narrador, sendo o próprio leitor o responsável por problematizar e extrair ensinamentos e reflexões a partir do texto.

O contexto e o texto: a historicidade de *Leite Derramado*

Podemos observar, na obra analisada, o modo como as mudanças ocorridas na família Assumpção estão ligadas, de certa forma, com as mudanças sociais e políticas ocorridas na cidade do Rio de Janeiro na época em que parte das memórias de Eulálio são ambientadas, especialmente no período pós-morte de seu pai. Sobre o período político conturbado que acompanha o início da decadência dos Assumpção, Schiffer (2012, p. 194) discute que

[...] a conjuntura política recrudescer nos anos posteriores ao assassinato e a Revolução de 30 torna-se um relativo obstáculo para a retomada do espaço deixado por Ribas. O governo de coalizão dos políticos e dos militares sulinos desembaraça-se “do velho patriciado de políticos profissionais, através dos quais a dominação era exercida” e chamam “novos grupos à dirigência

administrativa” (RIBEIRO, 1975, p. 126). Por isso, o narrador condena o movimento que colocou as suas tradições entre dejetos do tempo.



Tendo uma porção diegética aliada à realidade histórica do Brasil, temos como panorama um começo de infância de Eulálio na casa da fazenda, onde o menino gozava de seus privilégios de descendente de ricos proprietários e barões do império. Observamos que, nessa época, Eulálio fala sobre negros outrora escravizados que permaneceram na fazenda após a abolição da escravatura e o modo como os tratava: “Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo” (BUARQUE, 2009, p. 15); “Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos” (BUARQUE, 2009, p. 18).

Em momento posterior, seguindo para a adolescência do narrador-personagem, dessa vez na cidade, situamo-nos no bairro de Botafogo, em um casarão que seu pai havia mandado construir. Notamos, a esse respeito, que as memórias do narrador sobre esse espaço são transferidas para a narrativa por meio de descrições: “[...] quartos enormes, banheiros de mármore com bidês, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França” (BUARQUE, 2009, p. 6). Percebemos que esse casarão de Botafogo eventualmente degradou-se e que esse fim marcou mais do que apenas a destruição de um meio físico: é o fim dos costumes da cidade, de uma época em que os cidadãos mais ricos do Rio de Janeiro se inspiraram no estilo de vida francês. Esse traço é representado pela mãe de Eulálio, Maria Violeta: ela é a “[...] o testemunho de uma sociedade patriarcal, preconceituosa, que reivindicava para si uma cultura aristocrática, adquirida a partir da cópia dos padrões franceses” (REIS, 2013, p. 3). Além disso, outro retrato da influência francesa dessa época faz-se perceptível quando Eulálio descreve que sua família falava apenas francês na frente dos empregados: “Lá em casa, como em todas as boas casas, na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês, se bem que, para mamãe, até me pedir o saleiro era assunto de família” (BUARQUE, 2009, p. 7).

Por meio das memórias do narrador, sabemos que, após seu casamento com Matilde, Eulálio muda-se para um chalé em Copacabana. Enquanto a esposa ainda vive com o marido e a filha, o ambiente é de amor e felicidade; depois da saída de Matilde, porém, isso muda e o espaço torna-se um lugar marcado pela melancolia: “Muito mais tarde, depois que ela saiu da minha vida, mantive o capricho de procurá-la do mesmo jeito, toda noite, no chalé de Copacabana. E até o fim deixei todas as portas abertas para ela” (BUARQUE, 2009, p. 46-47). Desse modo, o lugar que um dia foi o “ninho de amor” de um casal apaixonado, torna-se cenário da infância infeliz da filha abandonada do casal, Maria Eulália. Além da melancolia presente no espaço, com o passar dos anos, Eulálio passa a ser pressionado a vender o chalé para que o local possa ser modernizado. Essa época, no Rio de Janeiro, foi marcada pela especulação imobiliária, gentrificação, arranha-céus e fachadas imitando a *art déco* – estilo de artes visuais e arquitetura popular na Europa – e transformou Copacabana em um cartão postal, um potencial cenário de filme e, claro, enredo literário e musical: “Copacabana tornou-se simulacro do bairro litorâneo perfeito, em que a aparente harmonia homogênea transeuntes e moradores, e atrai turistas de todos os lugares” (REIS, 2013, p. 4).

Marcando o começo de sua decadência, Eulálio, após vender seu apartamento em Copacabana, compra dois novos na Tijuca, acabando, assim, na Zona Norte. Morar na Tijuca nos anos 50 seria, nesse contexto, seguir o fluxo migratório contrário: as famílias mais ricas estão indo morar em locais mais próximos ao litoral e o bairro, portanto, torna-se mediano (SCHIFFNER, 2012). Após mudar-se para sua nova casa, percebemos que Eulálio aceita – ainda que com relutância – sua nova situação:

E para mim era uma novidade tomar a fresca nas ruas da Zona Norte, às vezes eu esticava as caminhadas até o centro da cidade. Também passeava na Quinta da Boa Vista, só me dava dó a decadência do antigo palácio Imperial, que meu avô cansou de frequentar nos tempos de dom Pedro II. À noitinha eu regressava por caminhos mal-iluminados, onde não corria perigo de topar com algum conhecido. (BUARQUE, 2009, p. 143).

No fim do romance, ainda, podemos perceber que Eulálio passa de um herdeiro da elite cafeeira e política para um homem obrigado a morar de favor em um quarto nos fundos de uma igreja protestante. O ápice de seu declínio econômico e social se dá no momento em que narra o romance: quando está abandonado em um hospital. Apesar da imensa decadência, no entanto, essa fase de sua vida também representa um retorno ao seu lugar de origem, uma vez que o subúrbio em que ele e sua filha se encontram está localizado onde um dia foi a grande fazenda na qual viveu sua infância e adolescência.

Nesse sentido, a história do país em *Leite Derramado* é representada por meio de metáforas, descrições e discursos de um homem senil a fim de ilustrar trechos da cidade, as estruturas sociais e as mudanças ocorridas, tanto na política quanto na comunidade. Mostra-se, assim, que sobrenomes e posses não regem mais a sociedade, como uma vez já aconteceu, mas sim a vontade de poucos que conseguem chegar ao poder. É “[...] como se o leite não tivesse sido derramado apenas na história privada de Eulálio, mas na história pública do Brasil também” (REIS, 2013, p. 6).

O dialogismo da/na construção memorialística do romance

Observamos que é em um contexto de embate entre privilégio e opacidade social, pois, que o narrador de *Leite Derramado* se insere, tomando sua condição atual – a de decadência de um privilégio antes usufruído por ele – como ponto de partida para uma performatividade da memória que toma lugar dentro do romance, junto do protagonista, de papel central. É a partir da memória de Eulálio, dessa forma, que percebemos uma visão de mundo encarnada na personalidade do narrador e representativa de valores sociais, quase como se a sua memória constituísse um todo clivado, um atravessamento de vozes que assumem uma postura própria e privilegiada frente a assuntos como racismo, desigualdade social e econômica, preconceito de classes, política, etc.

Nessa cenografia da memória carioca, insere-se *Leite Derramado* e toda a sua poética em torno da memória, como discute Dusilek (2011). Nos termos da autora, a narrativa literária de Buarque encontra um tom poético que é próprio das canções do compositor, fazendo com que mesmo a denúncia social que está sendo feita a partir do romance e de Eulálio ganhe um traje poético e, avançamos, *melancólico*.

Essa melancolia presente no romance, acreditamos, faz parte de uma luta interna de Eulálio contra e a favor de sua própria memória: se é essa que o permite viagens por um passado distante, época de grandeza e nobreza que não alcançaram o presente, é também essa que o trai e que se esvai (mais) a cada dia, aproximando-o de um estado débil e, de forma mais melancólica ainda, da morte. Entendemos que essa luta interna de Eulálio pode-se traduzir por uma

[...] preocupação em não deixar seu passado se apagar. Por isso faz questão de que alguém escreva suas memórias, ainda que elas falem de uma decadente genealogia. Tornou-se seu objetivo maior, e que a morte espere esse feito [...]. (DUSILEK, 2011, p. 168).

Observamos que é sobre a morte, ainda, que Eulálio muito versa na transmissão e na reconstrução de suas memórias: se, por um lado, a morte seria o fim libertador de sua condição senil e debilitada, foi a morte também que propiciou o início da decadência dos Assumpção, quando da morte de seu pai. Na perspectiva de Schiffner (2012), a morte do patriarca dos Assumpção é um ponto de partida para o desenrolar representativo da história do narrador, constituído como símbolo, aqui, para os privilégios que a tradição oligárquica e familiar fornece àqueles que estão em seu núcleo e que a mantém em funcionamento. Segundo o pesquisador, esse momento simboliza a

[...] decadência da ordem oligárquico-patriarcal, da qual Eulálio Ribas Assumpção [o pai do protagonista] era representante. A confluência entre os fatos aponta para uma espécie de morte física e política, com cuja perspectiva o narrador parece corroborar. (SCHIFFNER, 2012, p. 192).

No sentido da dualidade da performance da memória elencada neste trabalho, percebemos, ainda, que acontece dentro da narrativa de Eulálio uma espécie de embate ideológico entre o **eu do passado** e o **eu do presente**. Argumentamos em torno dessa constatação pelo fato de o próprio nome do narrador ser portador de significado dentro do romance: a manutenção da herança familiar, em menor escala, e da oligarquia, em maior escala, dá-se a partir da nomeação dos entes da família por meio de um mesmo núcleo de nome – Eulálio. Observamos, na obra, o diálogo com o **passado** do narrador por meio dos feitos do Eulálio tataravô, Eulálio bisavô, Eulálio avô e Eulálio pai, todos também portadores do sobrenome Assumpção – e não somente Assunção, o qual estaria ligado à simplicidade, como defende o narrador-personagem – e que constituiriam uma curva ascensional, nos termos de Schiffner (2012, p. 190, grifos nossos):

Tal qual se pode acompanhar até esse ponto, o sobrenome Assumpção ilustra-se socialmente pela riqueza, sobretudo, constituída em solo brasileiro e pelo protagonismo político no decurso formativo do País. Esquemáticamente, o que se demonstrou até agora poderia ser descrito da seguinte maneira: Vinda da família Real – trisavô: conselheiro; Primeiro Reinado – bisavô: Barão; Segundo Reinado – avô: político influente; República Velha – pai: Senador. Logo, depreende-se do argumentado e do esquema que **a hereditariedade dos Eulálios é assentada na**

manutenção de curvas ascensionais, seja no aspecto do enriquecimento financeiro, seja no da participação estatal.

Em contrapartida, o diálogo com o **presente** do narrador começa tendo si mesmo como ponto norteador, a partir de seu momento de performance social pós-morte de seu pai e da concepção de seus descendentes: Maria Eulália, a filha, Eulálio neto, Eulálio bisneto e Eulálio tataraneto. É o próprio narrador quem expõe, em determinado momento da obra, como entende sua relação frágil com o presente observável:

Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto da minha cabeça. Já para o passado tenho um salão cada vez mais espaçoso, onde cabem com folga meus pais, avós, primos distantes e colegas da faculdade que eu já havia esquecido, com seus respectivos salões cheios de parentes e contraparentes e penetras com suas amantes, mais as reminiscências dessa gente toda, até o tempo de Napoleão. (BUARQUE, 2009, p. 14).

Nesse sentido, observamos que a manutenção da curva discutida por Schiffner (2012) começa, aqui, a ser dificultada, pois, não tendo Eulálio narrador conseguido avançar ou mesmo igualar-se em relação à posição de senador do pai, o *status* social que ronda os Assumpção começa a ruir, fator que desemboca na constatação do fracasso econômico e social de Maria Eulália, na junção de Eulálio neto a movimentos comunistas e em sua posterior prisão e morte, e na marginalização dos posteriores Eulálios, os quais, miscigenados e racialmente pertencentes a outro grupo, não poderiam nem mesmo usufruir dos benefícios que o sobrenome Assumpção um dia trouxera ao narrador. Esse movimento que tem origem na ruína do narrador, pois, é chamado por Schiffner de curva descensional:

Aprofundando a análise do texto, nota-se que essa desvalorização social é consequência da confluência entre: a) morte do patriarca e b) modificações na sociedade e na política ocorridas no Brasil do século XX. Não é casual, desse modo, que a curva descensional se inicie por Eulálio Montenegro Assumpção [o narrador]. Devido às ausências e a morte precoce do pai, ele não tem educação herdada ou formal para assumir os bens da família, como era de costume. (SCHIFFNER, 2012, p. 193).

Observamos, aí, o modo como a primeira faceta da performance da memória no romance ligada à tentativa de reconstrução social por parte do narrador se dá. É acessando memórias de sua herança familiar, da época em que o sobrenome Assumpção realmente “[...] ainda abria portas [...]” (BUARQUE, 2009, p. 125), e reconstruindo-os a partir de intenções próprias, que Eulálio busca, dentro do cenário hospital decadente e quase inóspito, manter-se em um padrão elevado. Percebemos uma atitude dessa natureza por parte do narrador, inclusive, no que diz respeito à própria transmissão de suas memórias, que estariam sendo gravadas na modalidade escrita pela enfermeira responsável por sua estadia:⁴

⁴ Apesar de reconhecermos a importância de Eulálio acreditar que suas memórias estão sendo gravadas pela enfermeira, elucidamos que temos acesso a elas a partir do próprio fluxo de consciência do narrador, no qual estariam imbricadas aquelas diversas vozes que constituem o

Antes de exhibir a alguém o que lhe dito, você me faça o favor de submeter o texto a um gramático, para que seus erros de ortografia não me sejam imputados. E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve, como é capaz de constar até aí no prontuário. (BUARQUE, 2009, p. 18).

A intenção por trás da contação de memórias estaria, como expõe Eulálio, relacionada a uma vaidade própria de sua classe social: “Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero” (BUARQUE, 2009, p. 96). Entendemos que o plano perfeito do narrador, entretanto, não chega a se concretizar: o que antes haveria de ser uma forma de manter a tradição por trás de seu nome e um *status* social anteriormente ocupado pelo narrador passa a ser, no âmago do romance, uma denúncia de sua própria condição enquanto sujeito decadente e incapaz de usufruir do discurso que ele mesmo reproduz. Isso ocorre pois, segundo Bosi (1994, p. 47),

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Nessa perspectiva, pois, a transmissão das memórias de Eulálio ocuparia um lugar no romance de paralelo entre a sua condição social atual e a incapacidade do narrador de se desvencilhar dela. Essa situação, a qual, como indicado por Schiffner (2012), tem origem após a morte de Eulálio Ribas Assumpção, ganha corpo e força ao longo do tempo, colocando o narrador em uma posição social muitíssimo diferente daquela ocupadas antes por ele e tornando impossível sua mudança. Essa impossibilidade, observamos, traduz-se no romance em seu maior pico na situação em que Eulálio e sua filha sofrem um golpe do cunhado e perdem a única propriedade da qual usufruíam, sendo obrigados a morar de favor nos fundos de uma igreja. Dessa forma, a força de Eulálio para manter o nome dos Assumpção fica ainda mais comprometida, pois, como conseguiria um senhor de quase 100 anos alterar um padrão que se arrastou durante toda a sua maioridade?

Apontamos, ainda, que outro aspecto que corrobora para a condição denunciadora da memória dentro do romance é o modo como o narrador discorre a respeito de suas posses e, principalmente, do chalé de arquitetura clássica que habitava no bairro de Copacabana e que começara a coexistir com os prédios modernos e arranha-céus cuja construção começava a ganhar espaço na sociedade carioca. A saída forçada de Eulálio e Maria Eulália deste chalé, na perspectiva de Schiffner (2012, p. 197), faz com que deixe de existir

[...] o elo físico entre o passado aristocrático e a atual condição do herdeiro, sendo significativo notar que o prédio de amarração entre os dois mundos já é considerado obsoleto nos anos 50. [...] Essa convivência de parâmetros temporalmente distantes é a própria

discurso elitista do qual o narrador faz uso e a partir do qual a narração se materializa. Não haveria aqui, portanto, a presença da voz da enfermeira enquanto ser que registra as memórias de Eulálio (se é que há realmente alguém ocupando essa função).

temática do livro: um homem fora do seu tempo – como se fosse o prédio de arquitetura anacrônica – que é, pouco a pouco, suplantado pela inaptidão e inconformidade com um novo contexto.

Dessa forma, o debate sobre a memória enquanto experiência do indivíduo no romance desenvolvido por Santos (2019) traduz-se pela ideia de que a “[...] a memória se transforma em representação do passado, ou que, o próprio indivíduo representa como passado” (SANTOS, 2019, p. 229), e, adicionamos, é indicadora de uma experiência social fadada à desconstrução, pois, assim como a memória do narrador – debilitada e incerta –, sua condição social se esvai conforme o tempo. É nesse espaço vazio de encenação social, pois, que Buarque constrói um edifício frutífero na literatura contemporânea por meio de seu narrador, o qual, representativo de macro e micro valores de uma camada social há muito debatida, performa por meio de sua(s) memória(s) um papel de cisão entre a narração de uma história e uma narração de experiência que é própria do romance contemporâneo.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, buscamos evidenciar que o artifício da memória no romance *Leite Derramado*, de Chico Buarque, ocupa um espaço central na construção da narrativa ao passo em que vai além dos objetivos que o seu narrador tem por trás dela – ligados à tentativa de reconstrução social e de eternização das experiências. Essa memória, por si só, revela-se como parte de uma condição denunciadora da própria realidade decadente de Eulálio e da fragilidade por trás da ideia de manutenção social por meio da herança familiar de prestígio que ronda as classes sociais detentoras das melhores condições de vida. Acreditamos, dessa forma, que o papel dessa memória, questão que ocupa espaço em debates sobre a obra desde que ela foi publicada, é, na verdade, performativo de um embate ideológico entre o passado e o presente e entre lutas sociais que se desenrolam em uma discussão que aponta para o futuro da sociedade e da manutenção da força dos privilégios sociais.

Com a lacuna de acontecimentos ligados à história propriamente dita típica da literatura contemporânea, na qual a experiência por trás da narração tem mais valor performativo do que os acontecimentos, entendemos que, por um lado, Eulálio realmente consegue manter um padrão por meio de sua narração, como era de seu desejo; esse padrão, no entanto, desalinha-se dos objetivos do narrador pois, sendo esse motivado pela falta de possibilidade de redenção e de transformação moral, consegue apenas manter seu padrão de memória e de vida decadente, mostrando que, como manda a História, no sentido disciplinar do termo, existem laços muito mais espinhosos do que os observáveis entre o passado e o presente.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DUSILEK, Adriana. As camadas da memória na narrativa de Leite derramado. *Miscelânea*, Assis, vol. 9, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/476>. Acesso em: 07 fev. 2022..
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Operadores de Leitura da Narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2003. p. 33-58.
- FRIEDMAN, Norman. Point of View in Fiction: The Development of a Critical Concept. *PMLA*, Modern Language Association, v. 70, n. 5, p. 1160-1184, dez. 1955. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/459894>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- HELENA, Flávia. Avanço e retrocesso: configurações da modernização brasileira em Leite Derramado de Chico Buarque. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2, 2011, Uberlândia. *Anais do II Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1734.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- PEREIRA, Rene. *Leite derramado, de Chico Buarque, à luz do conceito de alegoria de Walter Benjamin*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14671>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- REIS, Mírian Sumica Carneiro. Memória, espaço, cidade: o Rio de Janeiro em Leite Derramado, de Chico Buarque. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 8, 2013, Campina Grande. *Anais do XIII Congresso Internacional da ABRALIC*. Campina Grande: Realize, 2013. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/4499>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- SANTOS, Natalice Ferreira dos. Memória enquanto experiência do indivíduo em Leite Derramado, de Chico Buarque. *Simbiótica*, Vitória, vol. 6, n. 1, p. 218-231, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/27204>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- SARAIVA, Juracy Assmann. Dinâmica da memória: Leite Derramado e Memórias Póstumas de Brás Cubas. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 42-66, ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-6821201710213>. Acesso em: 07 fev. 2022.
- SCHIFFNER, Thiago Lopes. Leite Derramado e a percepção anacrônica de um narrador entre dois tempos. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 188-206, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/11919>. Acesso em: 07 fev. 2022.

SCHWARZ, Roberto. Brincalhão, mas não ingênuo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 mar. 2009. Ilustrada, p. 6.

UMBACH, Rosani Ketzer. Literatura e história: os discursos da memória. *Fragments*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 105-119, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29654>. Acesso em: 07 fev. 2022.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Augusto Vinicius de; ABRANTES, Maria Luiza Sansão. Entre o passado e o presente: o percurso da memória em *Leite derramado*, de Chico Buarque. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 769-784, maio-ago. 2022.

Os Autores

Augusto Vinicius de Oliveira é graduando do curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/IBILCE), campus de São José do Rio Preto. Possui experiência na área de Linguística, tendo interesse nos temas discurso, linguagens e tecnologias e desinformação.

Maria Luiza Sansão Abrantes é graduanda do curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/IBILCE), campus de São José do Rio Preto. Possui experiência na área de Literatura, tendo interesse no tema Literatura Brasileira.